



**CORONEL NEYTON**  
Veterano do Exército Brasileiro

## CAUSAS DA GUERRA

Na madrugada de 2 de agosto de 1990, aproximadamente 100.000 soldados e 300 tanques iraquianos cruzaram a fronteira Iraque-Kuwait e seguiram desimpedidos por uma autoestrada vazia que o Kuwait havia construído anos antes, como símbolo de amizade com o Iraque. Apelando por apoio a um Deus misericordioso e compassivo, Saddam Hussein anunciou que havia entrado no Kuwait a convite de um governo provisório livre, que supostamente havia tomado o controle do Kuwait ante ao emir.

Os tanques iraquianos percorreram os 130 km até a cidade do Kuwait em menos de quatro horas. A resistência era impossível, pois toda a população do Kuwait era menor do que as forças armadas iraquianas ativas. Em poucas horas, a ação foi executada.

Os iraquianos confiscaram o Banco Central, onde as reservas de ouro do Kuwait estavam armazenadas, bem como o prédio do Ministério da Informação, que abrigava todos os estúdios de rádio e televisão e as centrais telefônicas do país. Saddam anunciou que o Kuwait havia deixado de existir e que, doravante, o território seria a décima nona província do Iraque. No mesmo dia, o Conselho de Segurança das Nações Unidas, por uma votação de 14 a 0, aprovou uma resolução exigindo a retirada imediata e incondicional do Iraque. No dia seguinte, os Estados Unidos e a Comunidade Europeia impuseram amplas sanções econômicas contra o Iraque e congelaram os ativos do país e do Kuwait na Europa e nos Estados Unidos. Em 7 de agosto, após uma reunião com o rei da Arábia Saudita e o emir exilado, o presidente americano George Herbert Walker Bush ordenou que tropas, aviões militares e navios de guerra

dos Estados Unidos se deslocassem para a Arábia Saudita. Iniciava-se a Operação Escudo do Deserto.

A questão que surge diante desse evento é “por quê”? Por que o Iraque invadiu o Kuwait e por que, em 17 de janeiro de 1991, a coalizão liderada pelos Estados Unidos atacou o Iraque e os levou de volta aos confins de seu próprio país? Quais as causas da guerra? Não apenas dessa, mas quais seriam as motivações que levaram a humanidade a recorrer, ao longo de sua história, ao artifício do confronto bélico, seja no passado, seja no presente? O que poderá servir de pretexto para se produzir uma guerra no futuro?

Em análise, serão abordadas a seguir algumas definições de guerra, as suas características e classificação. Em seguida, de maneira sucinta, serão avaliadas as causas do Conflito na Ucrânia e as projeções de guerras do futuro. Por fim, haverá uma breve conclusão sobre o tema – As Causas da Guerra.

## A DEFINIÇÃO DE GUERRA

O estudante da guerra precisa ser cuidadoso ao examinar as suas definições, pois, como qualquer fenômeno social, os conceitos são variados e, frequentemente, o sentido proposto mascara uma postura política ou filosófica particular defendida pelo autor. A guerra é, assim, um fator constante nos relacionamentos humanos, conduzindo a conflitos armados intensos entre estados, sociedades ou grupos organizados, que podem envolver forças armadas, mercenários, insurgentes e atores diversos, violentos ou não.

Desde a ascensão do estado, há cerca de 5.000 anos, a humanidade desenvolve atividades militares. O advento da pólvora e a aceleração dos avanços tecnológicos conduziram à guerra moderna. De acordo com Conway W. Henderson, autor de livros sobre conflitos e cooperação e sobre leis internacionais, “cerca de 14.500 guerras ocorreram entre 3.500 a.C. e o final do século XX, custando 3,5 bilhões de vidas. Nesse período, a humanidade viveu apenas 300 anos de paz”.



Fig 1 - Escavações no cemitério Jebel Sahaba, 1960, Sudão.

A primeira evidência de guerra pré-histórica foi encontrada em um cemitério mesolítico em Jebel Sahaba, no Vale do Nilo, hoje submerso pelo Lago Nasser, próximo da fronteira entre o Egito e o Sudão. Cerca de 45% dos esqueletos encontrados nesse sítio apresentaram sinais de morte violenta, sugerindo que há, aproximadamente, 13.400 anos, ocorreu um confronto entre beligerantes.

De acordo com Lauterpacht (1952, p. 72, Apud Kumar), Cícero (Marcus Tullius Cicero, 106 a 43 a.C., advogado, político, escritor, orador e filósofo da República Romana) define a guerra como “uma contenção pela força”. Já Hugo Grócio (Hugo Grotius, 1583 a 1645, jurista, filósofo, dramaturgo, poeta e apologista cristão) acrescenta que “a guerra é o estado das partes em conflito, consideradas como tal”. Para Thomas Hobbes (1588 a 1679, matemático, teórico político e filósofo inglês, autor de *Leviatã* e *Do Cidadão*), a guerra também é uma atitude: “Por guerra entende-se um estado de coisas, que pode existir mesmo quando suas operações não são continuadas”. Denis Diderot (1713 a 1784, filósofo e escritor iluminista francês; cofundador e editor chefe da *Encyclopédie*), por sua vez, comenta que a guerra é “uma doença convulsiva e violenta do corpo político”.

Uma das maiores referências quando o assunto é o estudo da guerra foi o general prussiano Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz (1780 a 1831). Em seus postulados, temos que “a guerra é um confronto de grandes interesses, que se resolve com derramamento

de sangue - só assim difere de outros conflitos” e que “a guerra é a continuação da política por outros meios”. Concordando com essa última linha de pensamento, Mao Tse-Tung (Máo Zédōng, 1893 a 1976, político, teórico, líder comunista e revolucionário chinês) declara: “A política é uma guerra sem sangue. A guerra é a política com sangue”.

Como podemos perceber, as definições de guerra apresentam diferentes pontos de vista, até mesmo devido ao momento histórico vivido pelos autores. As posições filosóficas de cada pensador ficam, assim, evidenciadas em seus próprios conceitos. Por exemplo, a noção de que as guerras envolvem apenas estados – como sugere Clausewitz – desmente uma forte teoria, onde se pressupõe que a política só pode envolver estados e que a guerra é, de alguma maneira, um reflexo da atividade política.

A “Guerra” é definida no Dicionário Webster como um fenômeno de “conflito armado hostil, aberto e declarado entre estados ou nações, ou um período de tal conflito”. Esse conceito captura um relato político-racionalista, onde a guerra precisa ser declarada explicitamente e ser travada entre estados, deliberadamente. Para Sir John Keegan (Sir John Desmond Patrick Keegan, 1934 – 2012, professor e historiador britânico), em sua obra “*A History of Warfare*” (Londres, 1993), a guerra é considerada como um assunto ordeiro no qual os Estados estão envolvidos, onde há início declarado e fim esperado, combatentes facilmente identificáveis e altos níveis de obediência dos subordinados. Esta forma de guerra racional é estritamente definida e, como tal, Keegan observa que a teoria racionalista não lida bem com povos pré-estatais ou não-estatais e seus conflitos.

Alternativamente, o dicionário Oxford expande a definição para incluir no conceito de guerra uma situação de hostilidade ou luta ativa, durante um período de tempo, dando a ideia de um conflito entre forças ou princípios opostos. Isso evita a estreiteza de uma concepção político-racionalista ao admitir a possibilidade de choques metafóricos e não violentos entre sistemas de pensamento, como

doutrinas religiosas ou empresas comerciais.

Este emprego do conceito de “guerra” pode implicar no choque e na confusão embutidos nas primeiras definições e raízes, mas também pode, como observado pelo Dr. Alexander Moseley (A Philosophy of War), um membro ativo da Rede Educacional de Ética Militar, incorporar inadvertidamente concepções derivadas de escolas políticas particulares. Uma definição alternativa sugerida pelo Dr. Moseley é que a guerra é um estado de conflito ou hostilidade coletiva aberta e organizada. Para ele, trata-se de um conceito definível e aplicável pois, acima do nível das reações biológicas, a guerra é o resultado de crenças, onde uma distinção objetiva existe entre ações ofensivas e defensivas, e que somente se justifica na proteção de direitos fundamentais. A essência da guerra é definida, então, como “uma condição de violência aberta”. Isso é derivado de fatores comuns a todas as guerras, fornecendo uma definição útil e robusta.

Esta definição tem o benefício de permitir mais flexibilidade do que a versão de Oxford, uma flexibilidade que é crucial, se quisermos examinar a guerra não apenas como um conflito entre estados, mas também um conflito entre entes não estatais, ações não declaradas e guerras altamente organizadas e politicamente controladas, bem como guerras culturalmente evoluídas e levantes insurgentes, que parecem não ter um corpo de controle central e podem talvez ser descritos como emergindo espontaneamente.

Com a estrutura estabelecida, fornecendo uma definição funcional de guerra, a próxima tarefa a ser analisada é entender as suas causas. Os filósofos da guerra são abundantes e com cada um surge uma hipótese distinta sobre as raízes das origens dos conflitos armados. Quando historiadores militares são questionados a respeito das causas da guerra, movem-se mais avidamente à trindade de Clausewitz - paixão, acaso e razão.

Clausewitz foi um combatente profissional. Esteve envolvido em várias campanhas militares, mas é famoso como teórico militar, interessado no exame da guerra, utilizando as campanhas de



Gráfico 1 – Trindade de Clausewitz.

Frederico o Grande e Napoleão Bonaparte como referência para o seu trabalho. Sobre a guerra, ele escreveu um cuidadoso postulado, sistemático e filosófico, em todos os seus aspectos. Dentre seus escritos, destaca-se o livro “Da Guerra”, importante obra sobre a filosofia militar.

Clausewitz formulou a hipótese de que as três causas da guerra são a paixão, o acaso e a razão. Paixão, definida como aquela violência, ódio e inimizade primordial, que deve ser considerada como uma força natural cega; acaso, definido como o jogo de probabilidade, dentro do qual o espírito criativo está livre para vagar; e razão, como o elemento de subordinação, como um instrumento de política, o que o torna sujeito a alguma lógica. Digno de nota é o fato de ele vincular as três causas da guerra a três atores distintos – à paixão, vinculou o povo; ao acaso, o exército; e à razão, o governo. Quando Clausewitz traçou essa conexão, não fez uma vinculação exclusiva, mas usou o vínculo para descrever a relação entre ator e causa. Assim, para utilizar de forma abrangente o modelo de Clausewitz para avaliar a causa da guerra, seria realmente necessário entender essas seis variáveis diferentes da perspectiva de cada beligerante.

Embora seja um padrão de análise de guerra frequentemente utilizado, a complexidade desse modelo não foi aplicada

para conduzir este estudo em particular. Um segundo modelo, mais amplo e moderno, avaliado para definir as causas da guerra, foi o do Dr. John George Stoessinger (1927 a 2017, premiado autor de livros sobre política mundial, incluindo "Why Nations go to War" e "The Might of Nations"). Stoessinger apud Vrey concluiu que o fator desencadeante mais importante na eclosão da guerra foi a percepção equivocada. Essa distorção se manifesta de quatro maneiras diferentes: na imagem de um líder sobre si mesmo; na visão de um líder sobre o caráter de seu adversário; na visão de um líder das intenções de seu adversário em relação a si mesmo; e na visão de um líder sobre as capacidades e poder de seu adversário.

Embora reflita um modelo notável e bem fundamentado, essa teoria coloca toda a manifestação da guerra nos ombros do líder e não permite a inclusão da voz do povo ou o envolvimento de atores não governamentais. Portanto, nos voltamos para a trindade original - aquela pretendida por Tucídides

(Thukydídes, 460 a.C. a 400 a.C.).

Tucídides foi um historiador, filósofo político e general ateniense. Sua História da Guerra do Peloponeso narra o conflito do século V a.C. entre Esparta e Atenas até o ano 411 a.C. Depois de narrar a guerra, postulou as suas causas como sendo o resultado de três fatores: o medo, a honra e o interesse.

Uma vez mais, nos deparamos com uma visão tríade de fatores que levam à guerra. O medo é definido como sendo o temor da perda de soberania ou da liberdade de movimento; a honra é retratada pela necessidade de defender a honra nacional e rejeitar tratamento considerado insensível ou brutal; e o interesse reflete a defesa de interesses ou valores que os disputantes consideram essenciais para sua sobrevivência. A trilogia de Tucídides, então, se combina melhor com a definição do Dr. Moseley de que a guerra é gerada por um estado de beligerância coletiva, aberta e organizada. Assim, podemos avaliar com mais propriedade as causas da guerra no passado, no presente e no futuro.

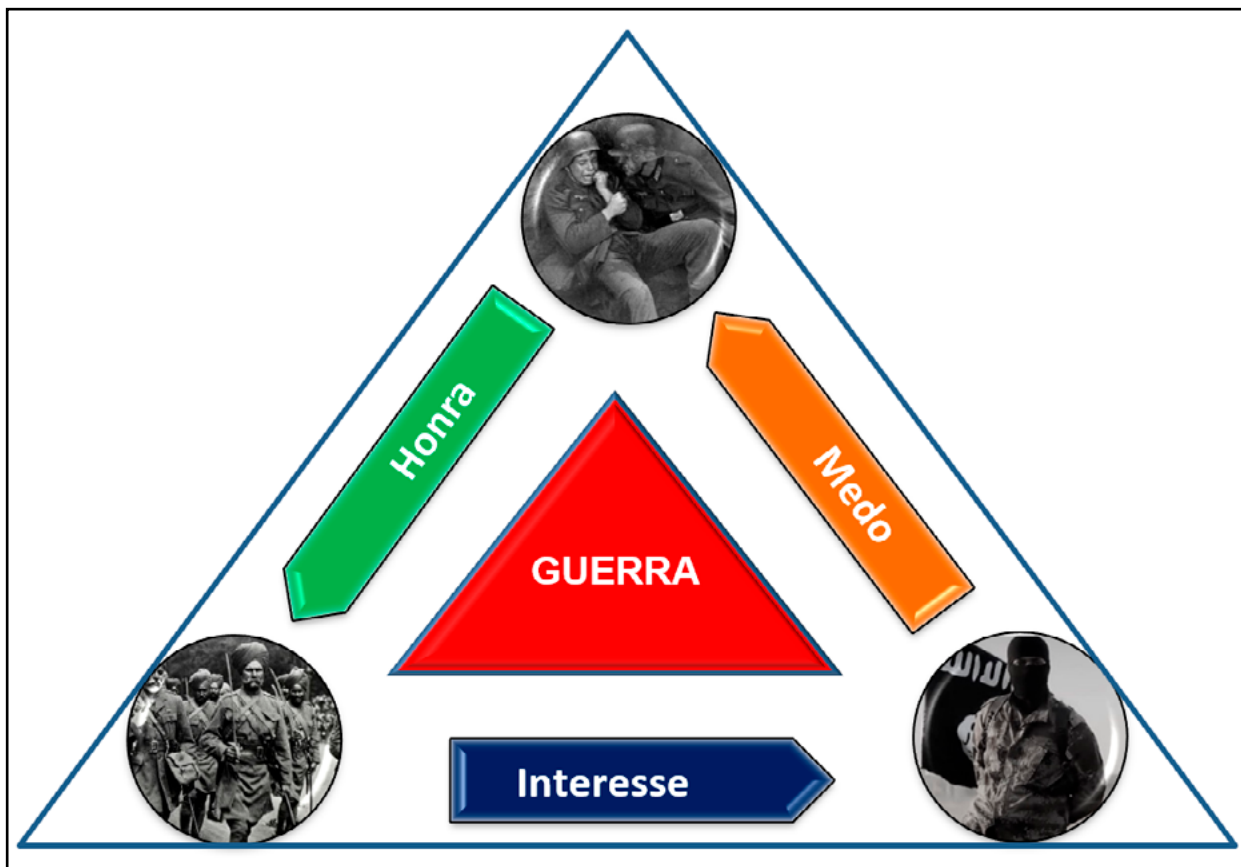


Gráfico 2 – Trilogia de Tucídides: o medo, a honra e o interesse.

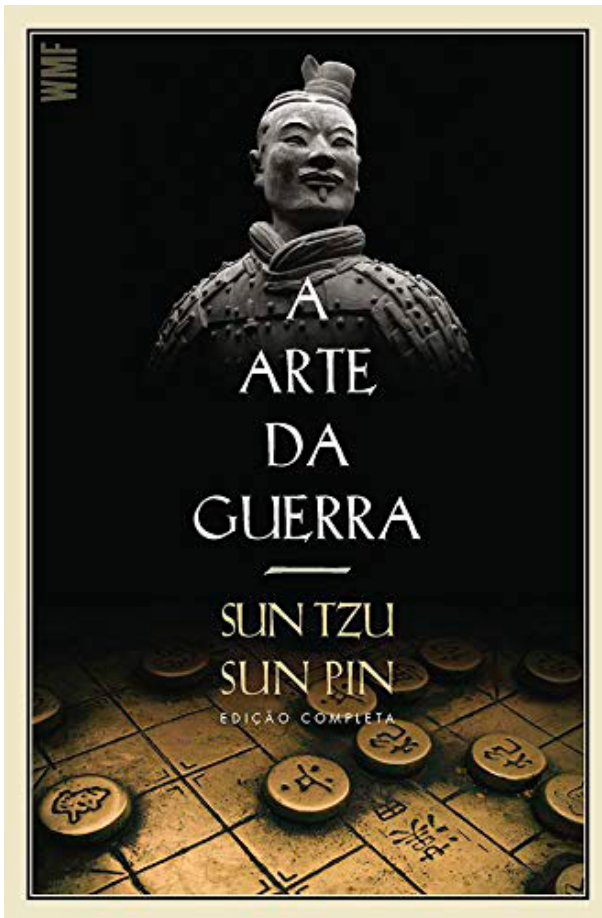


Fig 2 - A Arte da Guerra – Sun Tzu.

## A CLASSIFICAÇÃO DAS GUERRAS

Há variadas formas para classificar as guerras. Por exemplo, podemos considerar, além de suas causas, o desenvolvimento do conflito, a sua intensidade e abrangência geográfica, a estratégia e o tipo de armamento empregado pelos beligerantes. Quando a questão recai para a origem da guerra, em particular, as possibilidades se apresentam igualmente variadas, podendo, inclusive, ser a soma de dois ou mais fatores. Para Sun Tzu (Sūn Wǔ, 544 a.C. a 496 a.C., general, estrategista e filósofo chinês), em seu tratado militar “A Arte da Guerra”, todas as guerras são de conquista.

As guerras podem ser classificadas segundo alguns critérios e características. Temos a chamada guerra total, quando o conflito envolve todos os recursos de um Estado (WW II); a guerra limitada, seja no tempo, seja no espaço, com objetivos pontuais definidos (Índia e Paquistão, 1999);

guerra intermitente ou crônica, sendo um conflito recorrente, onde períodos de conflito se sucedem a tempos de paz relativa (Guerra dos cem anos); guerrilha, onde o conflito relaciona o emprego de pequenos contingentes militares, muitas vezes como forças irregulares (Vietnã ou Afeganistão); e a guerra diplomática, sendo o embate político, com prevalência da diplomacia e do entendimento entre os povos.

Outros critérios, como a abrangência geográfica classificam a guerra em mundial, inter-regional, regional ou local. Os conflitos também podem ser representados com a denominação de guerra civil, preventiva, por procuração, guerra fria, guerra subversiva, religiosa, revolucionária, étnica, psicológica ou de propaganda, guerra de secessão ou separatista, de libertação nacional ou de independência e de vingança. Com referência aos meios, armas e estratégias, podemos ter a guerra de corsário, guerra nuclear ou atômica, biológica, química, regular, irregular, simétrica, assimétrica ou política.

Assim, entendendo as definições, os tipos, as características e as possíveis motivações para um confronto, podemos avaliar, em estudo breve e pontual, os conflitos ocorridos em nossos dias, buscando descrever suas causas mais evidentes, seguindo a postulação de Tucídides - o medo, a honra e o interesse - como causa do confronto bélico. Com isso, algumas previsões podem ser destacadas sobre possíveis causas de guerra no futuro.

## CAUSAS DO CONFLITO NA UCRÂNIA

Abordando o componente “interesse” da trindade de Tucídides, verifica-se que, embora não seja o único, esse fator está entre as principais motivações que levaram a Rússia a invadir a Ucrânia no início de 2022.

Além da segurança e geopolítica, laços históricos, culturais e religiosos ligam a Rússia e a Ucrânia. O avanço da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) sobre o leste europeu, com a possibilidade de

adesão da Ucrânia à aliança militar serviu como pretexto para uma intervenção russa na região, a fim de preservar a segurança de suas fronteiras. Além disso, o governo russo acusou a Ucrânia de genocídio contra ucranianos de origem étnica comum, que vivem nas regiões separatistas de Donetsk e Luhansk. Uma terceira argumentação está na alegação de que a invasão buscou “desmilitarizar e desnazificar” a Ucrânia, assinalando o objetivo de deposição do atual presidente Volodymyr Zelensky.

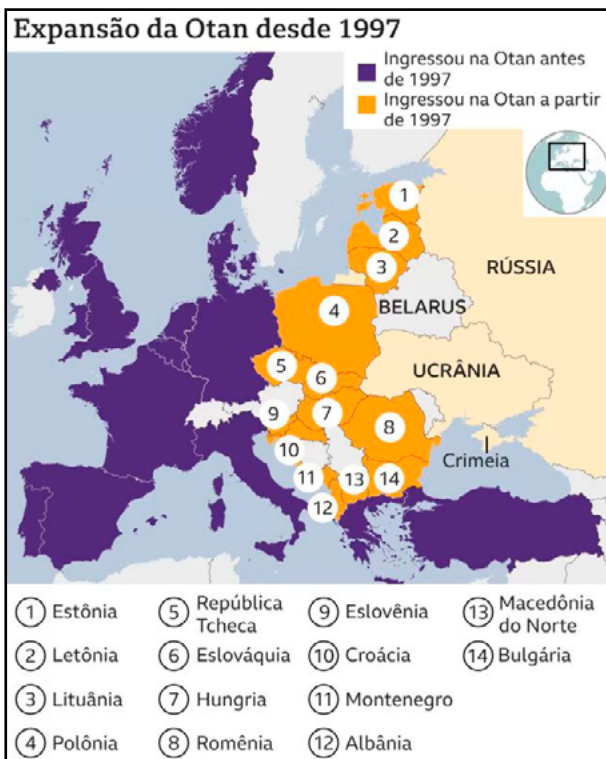


Fig 3 - Expansão da OTAN desde 1997  
(Fonte: BBC News/Brasil).

Mas, os motivos foram uma composição de situações, que consideram desde a contestação ao direito da Ucrânia à soberania, independente da Rússia, ao desejo de Vladimir Putin de restabelecer a zona de influência da antiga União Soviética.

A influência russa sobre a Ucrânia no pós-Guerra Fria foi gravemente acentuada na queda do presidente pró-Rússia, Viktor Yanukovich, em 2014. A recusa, na época, de Yanukovich em assinar um tratado com a União Europeia, foi um ato simbólico de

lealdade à Rússia, o que levou milhares de ucranianos às ruas, culminando com sua deposição. A isso, seguiram-se acusações da Rússia sobre casos de genocídio e nazismo na Ucrânia.

Essa crise provocou a invasão da Crimeia pela Rússia, em 2014, e sua anexação ao território russo, sob a argumentação de laços históricos. Na realidade, a motivação foi o interesse russo em consolidar seu acesso em uma posição estratégica no Mar Negro, assegurando o Porto de Sebastopol, fundamental para a frota naval russa pelo acesso ao Mediterrâneo. Moscou também reconheceu, em 2022, pouco antes da invasão, a independência das províncias de Donetsk e Luhansk, na região de Donbas, onde parte da população possui relação étnica com a Rússia e, também, onde há importantes reservas de minérios, essenciais para a produção de aço.

Inicialmente, Vladimir Putin negou, por vários meses, a intenção de promover um ataque à Ucrânia. Em 2021 e 2022, a Rússia promoveu intensa movimentação de tropas na fronteira com o país, o que foi interpretado como uma tentativa de esvaziar o pretendido ingresso da Ucrânia na OTAN.

A posição geográfica central ocupada pela Ucrânia, servindo de corredor para importantes recursos, notadamente energéticos, e como ligação entre os países vizinhos, além da questão econômica devido às reservas minerais estratégicas, pesaram na decisão de Vladimir Putin em enfrentar possíveis e previsíveis retaliações e tomar a decisão de entrar em território ucraniano, em 24 de fevereiro de 2022, iniciando a guerra.

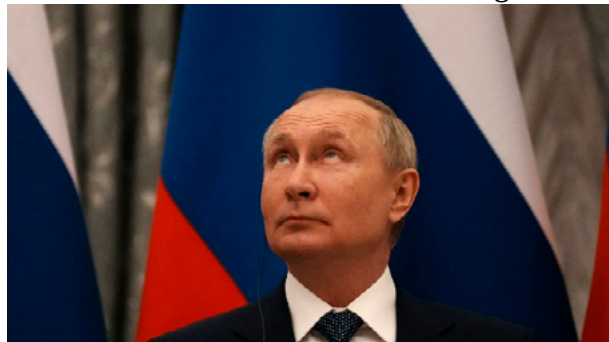


Fig 4 – Vladimir Putin.



Fig 5 – Comboio do Exército Russo.

Outro aspecto está na razão de Putin pretender deixar um legado de honra para seu nome. Beirando os 70 anos e há mais de duas décadas no poder, o ex-agente da KGB se empenha em revisionismos históricos que revivem o poderio da União Soviética, após a queda do Império Russo, e à formação, séculos atrás, de seu país.

Assim, concluímos que, além de questões geopolíticas entre os dois países envolvidos, interesses territoriais, de segurança, culturais e econômicos motivaram a invasão da Ucrânia pela Rússia.

#### **AS CAUSAS DA GUERRA NO FUTURO**

Algumas visões futuristas sobre as causas da guerra vão de ilações irrealistas a possibilidades espetaculares. No futuro, próximo e distante, o medo, a honra e o interesse ainda existirão, embora as coisas que tememos, a raiz de nossa honra ou a base de nossos interesses possam mudar dramaticamente. Como resultado, podemos esperar que a trindade de Tucídides persista no futuro, como causa relevante de guerra. Então, como podemos prever

o que possui potencial para provocar um conflito no futuro? Quais seriam as principais causas? Quais fatores existentes hoje permanecerão capazes de provocar uma guerra no futuro? Onde os conflitos futuros provavelmente ocorrerão? O que temos são perguntas apenas, mas a hipótese de que novas guerras ocorrerão no futuro é tão certa quanto o raiar do sol no dia de amanhã.

Embora as causas da guerra possam ser semelhantes no passado, no presente e no futuro, o tipo de confronto, as estratégias militares, as táticas, as técnicas, os procedimentos e a tecnologia de armas poderão ser bastante diferentes. A evolução das novas gerações de guerra, o envolvimento crescente de atores não-estatais, o câncer generalizado de terroristas, o desenvolvimento de novas armas influenciará na conduta e no confronto na guerra.

Assim, alguns conceitos-chave devem ser compreendidos a priori: os fatores que podem causar uma guerra continuarão a ser interdependentes; não haverá um único fator que possa ser responsável pelo

confronto, mas a trindade estará presente na análise da origem da guerra; o local onde ocorrerá o confronto influenciará na condução das operações, bem como na motivação para o conflito; o espaço disponível para as operações e o suporte necessário continuarão a ser decisivos para a condução das operações e noção de vitória; devem-se considerar a escala em que se desenvolverá o conflito; a escalada da crise; as consequências e a reação de cada lado deflagrante, da população, de outros atores, inclusive da mídia; a liberdade de ação das partes envolvidas; e os processos humanos, que continuação determinantes na condução da guerra.

Existem várias causas possíveis para o conflito no futuro. No entanto, estas podem ser classificadas numa quantidade limitada de títulos, isolados ou em conjunto, como: disputas de terras e autodeterminação de povos; superpopulação; idealismo político; hiato científico e tecnológico, inclusive biológico e nuclear; diferenças religiosas e culturais; e distribuição e acesso a recursos naturais e a zonas marítimas e aeroespaciais. A maioria dos conflitos será causada por uma combinação de fatores e poderá ser complicado, em alguns casos, destacar precisamente as suas causas dominantes e mais expressivas.

Alguns conflitos tendem a se inclinar mais para certas causas do que para outras. A guerra no Afeganistão, por exemplo foi, predominantemente, o resultado de ideologias conflitantes e tradição histórica de resistir ao domínio externo. O conflito árabe-israelense mostrou-se, principalmente, relativo à questão territorial por domínio sobre recursos hídricos limitados, enquanto a guerra no Iraque foi causada, em parte, por ideologias conflitantes e em parte pelos vastos recursos de petróleo que Saddam Hussein controlava.

No futuro, à medida em que a população se aproxima de oito bilhões de pessoas, uma crise malthusiana se poderá

estabelecer, sendo o esgotamento dos recursos a principal causa para uma guerra. Uma exaustão que, provavelmente, será agravada pelas narrativas infundadas de mudanças climáticas, como pano de fundo e pretexto para atuação armada sobre áreas soberanas internacionais. Nesse interim, a engenharia social e o amplo espectro de uso de mídias convencionais e das chamadas mídias sociais desempenharão papel fundamental para a “justificativa” do conflito armado junto à opinião pública internacional. A agressão será camuflada como salvamento.

A existência dos chamados povos autóctones em vastas áreas no Brasil e na África poderá ser o pretexto para incursões militares, apoiadas por ampla orquestração ambientalista e antropologista. Essas populações, majoritariamente de baixa aculturação moderna, habitam amplas áreas possuidoras de extrema riqueza mineral, biológica e energética, fomentando ambições internacionais para o controle desses recursos, cada vez mais escassos.

A quantidade disponível de água potável também poderá ser o estopim de uma guerra no futuro, pois este recurso se torna cada vez mais escasso enquanto o meio ambiente continua a ser degradado e agravado pelos países mais ricos e em desenvolvimento. O lixo plástico que vem sendo lançado nos oceanos poderá provocar sérias alterações em biomas marinhos e levar à falta de equilíbrio e de oferta de alimentos de origem marítima. De acordo com a ONU, há pelo menos 300 cenários de conflito possíveis no futuro atribuídos à água, a ponto de o ex-Secretário Geral, Kofi Annan, ter afirmado que “a competição nacional feroz pelos recursos hídricos gerou temores de que as questões hídricas contêm as sementes de conflitos violentos no futuro”.

Visualizando o futuro, destacamos que as pessoas e instituições agravam tensões já existentes e agem em conjunto com outras fontes de instabilidade e de baixa



governança. Conflitos armados atuais e tensões étnicas ou religiosas prevaletentes são possíveis fontes para guerras no futuro. O outerspace, o ciberespace e o Global Commons são espaços operacionais novos e ainda em conceituação no ambiente atual e que possuem indicação de potencial para conflitos no futuro. Nos tempos vindouros, as ações de atores não-estatais, incluindo os violentos, podem ter efeitos dramáticos nos domínios econômico, político, militar, científico e jurídico.

O radicalismo e o extremismo também têm potencial para causar uma guerra no futuro, podendo conduzir ao terrorismo, segundo seus interesses e os de seus apoiadores. Uma guerra contra o terrorismo pode levar a projeções globais. A turbulência do terror acentua o medo e o pânico em algumas sociedades, sem levar em consideração se acontece na Europa, nas Américas, na Ásia ou no Oriente Médio. Nesse contexto, a mídia exerce papel fundamental para os terroristas, ao divulgar gratuitamente as suas ações, ao mostrar o sucesso de sua empreitada, ao divulgar seus objetivos e visão, e a ajudar a transformar terroristas em mártires. O espaço na mídia é o maior objetivo do terrorismo. A tensão e o estado de alerta permanente estressam a sociedade e as forças de segurança, provocam a xenofobia, sufocam civilizações e induzem ao medo profundo.

Uma corrida armamentista, seja regional ou global, provoca consequências. O medo da proliferação de armas de um país leva a um natural aumento da força de defesa de outros, produzindo um aumento das tensões políticas entre as nações e as regiões, ampliando a possibilidade de mal-entendido e, por fim, a desconfiança entre as partes envolvidas. Da mesma forma, uma corrida armamentista satisfaz o interesse da indústria internacional de armas - um influente ator não-estatal - e pode, portanto, ser classificada como uma causa de interesse para a guerra no futuro.

Disputas fronteiriças e territoriais entre dois ou mais países podem levar a um confronto no futuro. Ex-colônias ou antigos inimigos podem desistir de resolver suas questões no ambiente da ONU ou bilateralmente. Assim, temos como potenciais as questões Índia-Paquistão sobre a Caxemira ou Argentina-Reino Unido, sobre as Malvinas/Falklands, como exemplos. Perspectivas históricas, aspectos religiosos, rivalidades étnicas são prováveis causas para exacerbar as tensões existentes e conduzir a disputas no futuro.

A guerra no futuro poderá, ainda, ter um forte componente econômico, no cenário onde a potência hegemônica perde espaço para a China nesse campo, aliada à queda no poder de influência do dólar frente ao iene, yuan ou outras moedas, desenvolvimento de criptomoedas, que podem desequilibrar as relações comerciais internacionais, afetando a delicada balança financeira mundial.

Também o desenvolvimento de tecnologias biológicas, causando medo e desconfiança, poderão ser argumentos para ações beligerantes futuras, haja vista os riscos envolvidos. Uma prova disso é o advento do novo coronavírus (Sars-CoV-2), que provocou a covid-19, com origem na mesma cidade onde a China possui um laboratório biológico de nível 4. Com essa mazela, muitas vidas se perderam no mundo e a atividade econômica foi fortemente atingida em quase todos os países.

Alguns possíveis confrontos religiosos ou étnicos no futuro também podem ser classificados como uma guerra causada por interesses. Na verdade, o interesse talvez seja a fonte mais razoável de disputa. Os Estados precisam se desenvolver e estabelecer vínculos com parceiros regionais e globais para a melhoria de suas próprias sociedades e ampliação do alcance de suas economias. Nesse sentido, alguns interesses conflitantes podem criar situações com potencial para agravar

conflitos, podendo levar à guerra. De fato, alguns dos interesses mais provocativos estão relacionados à balança econômica entre as nações.

Assim, as prováveis causas de guerra no futuro vinculadas a interesses são: a escassez de recursos - água, petróleo, alimentos, madeira, minerais, recursos biológicos, entre outros; crises econômicas ou financeiras, como falência nacional ou falta de pagamento da dívida nacional com outros países ou organizações internacionais, que têm potencial para agravar tensões já existentes, fazer pressões e abrir espaço para disputas entre os países; o equilíbrio de poder, que pode ser fonte de corrida armamentista ou de disputas internacionais, entre outros possíveis fatores.

Esses aspectos podem criar ou aumentar as ambições de poder econômico ou de domínio político, com implicações locais, regionais ou globais. O mercado de armas, o interesse econômico ou o controle político são alguns dos aspectos mais prováveis nesse sentido. O futuro reserva, assim, um amplo espectro de possibilidades, variadas hipóteses e fértil campo para o cultivo de tensões, atritos e conflitos bélicos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Europa Ocidental, desde o final do século XVIII, ocorreram mais de 150 conflitos e cerca de 600 batalhas. Isso representa elevação nos episódios bélicos e ampliação do poder destrutivo dos meios de guerra. Os recentes eventos com uso de instrumentos de guerra de alta tecnologia causam preocupação, por seu poder de destruição, mas também podem prevenir ou mitigar a possibilidade de eclosão de uma III Guerra Mundial, com potencial nuclear.

A maioria das guerras resultou em numeroso sacrifício de vidas, destruição de cidades e perda de recursos, o que levou à fome, às doenças e à morte de militares e civis. Estima-se que entre 1985 e 1994, 378.000 pessoas morreram por ano devido

às guerras, o que equivale a 3,4 milhões de pessoas ou a todos os cidadãos de um país como o Kuwait.

Em 1947, Albert Einstein declarou a famosa assertiva: “Não sei com que armas a III Guerra Mundial será conduzida, mas a IV Guerra Mundial será travada com paus e pedras”. Assim, a genialidade de Einstein busca despertar a atenção para o risco incontestável do uso de armas nucleares e biológicas, com elevado potencial mortal, e capacidade de extermínio de populações inteiras. Na verdade, embora o Relatório de Segurança Humana 2005 tenha documentado um grande declínio no número de conflitos armados desde o fim da Guerra Fria, o estudo de paz e conflito de 2008 indicou que o declínio geral dos conflitos estagnara.

Mesmo com o fim da “guerra para acabar com todas as guerras” e o surgimento das Nações Unidas para prevenir a paz mundial, os conflitos continuam a ocorrer, as nações continuam a falhar e as pessoas continuam a morrer. Como aconteceu no passado e está acontecendo no presente, a trindade do medo, da honra e do interesse permanecerá como causa de guerras no futuro.

No futuro, seria previsível que, assim como ocorreu com a Liga das Nações, a ONU, com sua pesada burocracia e a defesa de interesses acima daqueles aos quais a entidade foi concebida, não seja capaz de garantir a paz para a humanidade.

Novas gerações de ferramentas de combate, novas tecnologias, novos domínios e outros aspectos serão relevantes para as fontes contínuas e futuras de conflitos. Atores estatais e não-estatais se tornarão mais difundidos na condução das contendas armadas à medida em que a guerra de estado sobre estado se tornar cada vez menos central. Em sua essência, estarão presentes as principais causas da guerra, segundo a trilogia de Tucídides, que despertam o espírito beligerante de governos, exércitos e pessoas.

## REFERÊNCIAS

- BRITANNICA. **Operation Desert Shield**. Middle Eastern history. Disponível em <https://www.britannica.com/topic/Operation-Desert-Shield>. Acesso em 20 de junho de 2021.
- BBC News/Brasil. **Invasão da Ucrânia: o que Putin quer com a ofensiva russa?** Washington, 24 fevereiro 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60514952>. Acesso em 29 de julho de 2022.
- Por que motivos a Rússia invadiu a Ucrânia: resumo. Washington, 4 março 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60606340>. Acesso em 29 de julho de 2022.
- CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. Clássica. 2020.
- CLAUSEWITZ. In: WEB, Carl von Clausewitz. Brasília, 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Carl\\_von\\_Clausewitz](https://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_von_Clausewitz). Acesso em: 25 de junho de 2021.
- CRIADO, Miguel Ángel. Um cemitério de 13.400 anos atrás confirma violência generalizada no Paleolítico. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-05-31/um-cemiterio-de-13400-anos-atras-confirma-violencia-generalizada-no-paleolitico.html>. Acesso em 20 de junho de 2021.
- DAVID, Kathryn. **Why did Russia invade Ukraine?** The Conversation, Nova Iorque, 7 de março de 2022. Disponível em: <https://theconversation.com/why-did-russia-invade-ukraine-178512>. Acesso em 28 de julho de 2022.
- FERGUSON, John. **Cicero. Roman Statesman, Scholar, and Writer**. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Cicero>. Acesso em 20 de junho de 2021.
- GLOBAL Commons. In: WEB. Global Commons. Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Global\\_commons](https://en.wikipedia.org/wiki/Global_commons). Acesso em 28 de junho de 2021.
- GROTIUS, Hugo. **O Direito da Guerra e Paz. Reedição em português da obra de 1625**. Ijuí: Unijuí. 1 Ed. 2005.
- GRUDEM. In: WEB, Wayne Grudem. Brasília, 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Wayne\\_Grudem](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wayne_Grudem). Acesso em: 25 de junho de 2021.
- GUERRA. In: DICIO, Dicionário Oxford. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/war>. Acesso em: 25 de junho de 2021.
- GUERRA. In: DICIO, Dicionário Webster. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/war>. Acesso em: 25 de junho de 2021.
- KEEGAN, John. **A History of Warfare**. NYC, USA: Vintage. 1996.
- KITTEL. In: WEB, Gerhard Kittel. Brasília, 2021. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Gerhard\\_Kittel](https://en.wikipedia.org/wiki/Gerhard_Kittel). Acesso em: 25 de junho de 2021.
- KUMAR, S. Vijaya. **Policies and Politology**. Artigo Científico. University of Mysore, Karnataka, India. 2012.
- MOSELEY, Dr. PhD, Darran Alexander. **A Philosophy of War**. Leicestershire, UK. 1997.
- PAMPLONA, Patrícia. **Além de crise na Ucrânia, mundo tem 28 conflitos ativos e teme novas guerras**. Folha de São Paulo. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/alem-de-crise-na-ucrania-mundo-tem-28-conflitos-ativos-e-teme-novas-guerras.shtml>. Acesso em 2 de agosto de 2022.
- PHILLIPINES, Permanent Mission. In: WEB. Permanent Mission of the Republic of the Philippines to the United Nations. Disponível em <https://www.un.int/philippines>. Acesso em 28 de junho de 2021.
- SANCHES, Mariana. **Como poder, isolamento e busca por legado levaram Putin a arriscar nova incursão na Ucrânia**. BBC News Brasil em Washington, 23 fevereiro 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60501198>. Acesso em 29 de julho de 2022.
- U.N. in: WEB. World's water problems can be 'catalyst for cooperation' says Secretary-General in message on Wolds Water Dat. Disponível em <https://www.un.org/press/en/2002/sgsm8139.doc.htm>. Acesso em 28 de junho de 2021.
- U.S. ARMY Center of Military History. **Operation Desert Shield**. Disponível em [https://history.army.mil/html/bookshelves/resmat/dshield\\_dstorm/desert-shield.html](https://history.army.mil/html/bookshelves/resmat/dshield_dstorm/desert-shield.html). Acesso em 20 de junho de 2021.
- VREY, François. **Why Nations go to War**. Boston, USA. 2011.

## SOBRE O AUTOR

O Coronel R/1 do Exército Brasileiro Neyton Araujo Pinto foi declarado aspirante a oficial, em 1990, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). É mestre em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO). Possui os cursos de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME 2006 e 2007), avançado de Defesa Sul-Americana (ESG 2014) e Defesa Nacional e Estudos da Guerra (National Defence University of Islamabad, Paquistão 2015 a 2016). É Pós-Graduado *latu sensu* em Direito em Administração Pública (UCB/RJ-2008/2009). Foi Observador Militar das Nações Unidas na Costa do Marfim (2004 a 2005), Oficial de Comunicação Social do BRABAT 2 (Haiti 2011) e Assistente Militar Sênior do Comandante da Força de Paz da MONUSCO (República Democrática do Congo 2018 a 2019). Comandou o 7º Grupo de Artilharia de Campanha (Olinda/PE 2012 e 2013). ([neyton.pinto@defesa.gov.br](mailto:neyton.pinto@defesa.gov.br))